

CALAMIDADE NO RS

A dificuldade em localizar os corpos soterrados

Mônica Pereira
monica.pereira@gruposinos.com.br

Fernanda Fauth
fernanda.fauth@gruposinos.com.br

Moradores viveram uma madrugada de pânico e terror, nas linhas Pedras Brancas e Quilombo, no interior de Gramado. Deslizamentos de terra, na quinta-feira, dia 2, deixaram pessoas soterradas e causaram as mortes registradas no município.

Jocemar Zimmermann Branchine, de 16 anos, foi a sétima vítima fatal encontrada. O corpo estava em meio aos escombros da casa em que ele morava, na Linha Pedras Brancas. A operação do Corpo de Bombeiros foi encerrada somente no sábado, dia 4.

No final da tarde da sexta-feira, dia 3, os pais do jovem também foram encontrados sem vida, Matilde Verônica Zimmermann, de 47 anos, e Rudimar Branchine, de 62.

Somente na localidade, foram seis óbitos. Antônio Pellicioli, de 47 anos, Kaique Andriel Ludvig Santos, de 13, e Nitiele Ludvig, de 36, foram os primeiros a serem achados.

Era por volta das 3 horas da quinta-feira, quando uma equipe do Corpo de Bombeiros se deslocou até a Linha Pedras Brancas para atender a um chamado de deslizamento de terra, que atingiu casas no local. Com difícil acesso, a guarnição trabalhou quase dez horas para conseguir retirar

os corpos das três primeiras vítimas dos escombros.

O soldado Pedro Goulart participou da ocorrência e afirma que a área de terra que se desprende da encosta levou o que tinha pela frente em cerca de 200 metros.

A comunidade também vive o luto por João Valquir Cardoso, conhecido como Kiko, de 65 anos. Ele teve um infarto ao presenciar o tamanho da tragédia que atingiu a região em que vivia. Todos os corpos foram sepultados na igreja da Linha Furna.

Na Linha Quilombo, um outro deslizamento invadiu a casa em que a gramadense Noeli da Rosa Duarte, de 55 anos, morava e ela acabou morrendo soterrada.

Os que colocam a vida em risco para salvar o outro

Em alerta desde que as chuvas iniciaram, as guarnições do Corpo de Bombeiros da região atuaram de forma ininterrupta para localizar os corpos das vítimas e também resgatar pessoas. Somente na Linha Quilombo, mais de 14 foram retiradas com vida das áreas de risco. O soldado Pedro ficou quase dez horas em meio à lama, na Linha Pedras Brancas.



Equipes trabalharam na Linha Pedras Brancas entre a quinta e o sábado

Tragédia em Rancho Grande

Foi também na quinta-feira que um deslizamento atingiu a região de Rancho Grande, interior de Canela. José Alzemi de Moraes, conhecido como Mirinho, e a esposa Marina de Moraes foram encontrados sem vida. O casal dormia quando o desastre aconteceu, tornando impossível qualquer chance de sobrevivência.

Uma parte da casa do filho deles também foi atingida, assim como parte da Associação dos Moradores do Rancho Grande.

A notícia da tragédia se espalhou, provocando uma onda de choque e tristeza entre os moradores da região. Mirinho era servidor da Secretaria de Obras de Canela, no cargo de operário, desde 1998, e bastante envolvido nas atividades esportivas com a equipe do União Rancho Grande.

+ “Não sei como nos salvamos”

Aline Barp é confeiteira e morava na Linha Quilombo. Junto de sua residência, tinha seu atelier, onde fazia doces e salgados sob encomenda e a pronta entrega, por venda em aplicativo de delivery. Para ela, será uma noite que nunca será esquecida. “A terra atingiu primeiro a casa da minha irmã. Ela conseguiu sair correndo para a estrada e começou a gritar. Foi quando todos levantamos e saímos correndo”, relembra.

Ela recorda que a força e a velocidade com que a terra avançava eram muito rápidas. “Começou a vir árvore, muita lama. Só deu tempo de corrermos para os fundos do sítio e subirmos o outro morro, para tentar chegar na estrada”, comenta.

As casas de Aline, da irmã, do irmão e dos pais foram atingidas. Todos conseguiram escapar. “Meu sobrinho foi salvo pelo meu pai. Já o sogro da minha irmã precisou ser resgatado pelos bombeiros. Tivemos machucados nas pernas, para conseguir subir os morros, mas não deixamos ninguém para trás. Literalmente fomos nos puxando, para ninguém cair e ninguém ser soterrado”, explica.

“Não sei como nos salvamos, foi horrível. Eu imploro para que as pessoas que moram

em áreas de risco, perto de morros, não corram risco, saiam de suas casas. Não desejo para ninguém o que passamos”, lamenta.

A família foi acolhida por conhecidos. Perderam tudo durante a tragédia e saíram apenas com as roupas do corpo.

“Não temos mais nada. Onde ficava meu atelier, não tem mais parede. Os bombeiros disseram que não poderemos mais voltar, que teremos que achar outro lugar. Mas afundou tudo. Eu só tenho vontade de chorar”, frisa.

Agora, os familiares analisam os próximos passos. Eles aceitam a ajuda da comunidade, com doação de roupas, sapatos e itens de higiene pessoal. Cobertas e roupas de cama também serão necessárias.

Masculino, as roupas são tamanho GG e sapatos 38, 39 e 42. Aline tem filho adolescente, que precisa de calçados 38 e 39 e roupas G.

Vestuário feminino, roupa infantil para uma criança de sete anos, e adulto sapatos 38 e 39 e peças tamanho M e G.

Ainda, a irmã de Aline tem um bebê, de dois anos, que além de roupas, precisa de fraldas. As doações podem ser deixadas na pousada localizada na Rua Tia Rita, número 89.



MÔNICA PEREIRA/GES-ESPECIAL



CORPO DE BOMBEIROS DE CANELA



MÔNICA PEREIRA/GES-ESPECIAL

Operação no interior de Canela

Pessoas foram retiradas de áreas com risco de deslizamentos de terra no interior de Canela. Policiais, bombeiros e equipe da Defesa Civil fizeram operação para levar a comunidade para um local seguro.

Efetivo completo para atuar

Em Gramado, duas frentes de trabalho foram criadas para atender aos chamados. Com 13 bombeiros militares e dois voluntários, foram dezenas de ocorrências atendidas, ao longo da última semana.